

Ficção e Realidade no Conto “*Maria*” de Conceição

Evaristo

Fiction and reality in the short story “*Maria*” by Conceição Evaristo

Gracielli Brites de Souza*¹

* Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, Dourados – MG, 79804-970, e-mail: gra.brites@hotmail.com

Resumo: desde o Brasil colonial a sociedade brasileira é historicamente marcada pelo preconceito racial, que conseqüentemente se reflete em diversas formas de violência, desde as simbólico-psicológicas até a violência física nas suas formas mais cruentas. Na contemporaneidade, as violências raciais, suas vítimas e algozes podem ser identificados em vários gêneros literários, denunciando em prosa e verso as mazelas sociais existentes no País. O ensaio analítico aqui produzido aborda a violência urbana, tendo como objeto de análise o conto *Maria*, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, publicado em *Olhos D'Água* (2015). A análise centra-se na convergência existente entre ficção e realidade no conto em questão; escrito por uma mulher negra que vivenciou de perto e de dentro a realidade cotidiana das classes subalternizadas no País – condição mais dolorosa e traumática se o membro dessa classe for negro, ou negra, o que torna mais complexa a existência devido ao gênero e os estereótipos a ele relacionados. A produção de Conceição Evaristo é caracterizada pelo que ela denomina de *escrevivência*, ou, em outras palavras, a escrita das experiências de um corpo feminino negro na conjuntura do Brasil pós-colonial. A comparação entre a ficção e a realidade no conto *Maria* é realizada a partir de trabalhos acadêmicos das áreas de estudos literários, antropologia, história social, sociologia e ciência política. Os resultados alcançados permitem a interpretação de que o conto *Maria* reproduz, na fala e nas ações das personagens, os estereótipos brasileiros em relação à mulher negra no Brasil, transferindo para a literatura as mazelas sociais e humanas que fazem parte do cotidiano das mulheres negras em um país marcado por desigualdades abissais e por uma história de escravidão que, guardas as devidas proporções, ainda não teve fim.

Palavras-chave: Ficção. Realidade. Convergência. Mulher Negra. Conceição Evaristo.

Abstract: since colonial Brazil, Brazilian society has been historically marked by racial prejudice, which consequently is reflected in various forms of violence, from symbolic-psychological to physical violence in its most bloody forms. In contemporary times, racial violence, its victims and executioners can be identified in various literary genres, denouncing in prose and verse the social ills existing in the country. The analytical essay produced here addresses urban violence, having as its object of analysis the tale *Maria*, by Afro-Brazilian writer Conceição Evaristo, published in *Olhos D'Água* (2015). The analysis focuses on the existing convergence between fiction and reality in the short story in question; written by a black woman who experienced the daily reality of the subordinated classes in the

¹ Mestranda em Letras/UEMS, Graduada em Letras/Espanhol UEMS

country up close and from within – a more painful and traumatic condition if the member of that class is black, which makes existence more complex due to gender and stereotypes related to it. Conceição Evaristo's production is characterized by what she calls *escritivencia*, or, in other words, the writing of the experiences of a black female body in the context of postcolonial Brazil. The comparison between fiction and reality in the short story *Maria* is based on academic works in the areas of literary studies, anthropology, social history, sociology and political science. The results achieved allow the interpretation that the tale *Maria* reproduces, in the characters' speech and actions, Brazilian stereotypes in relation to black women in Brazil, transferring to literature the social and human ills that are part of the daily life of black women in a country marked by abysmal inequalities and by a history of slavery that, bearing in mind the due proportions, has not yet ended.

Keywords: Fiction. Reality. Convergence. Black woman. Evaristo Conception.

INTRODUÇÃO

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 29 de novembro de 1946 em Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte, mas especificadamente em uma comunidade carente da zona sul. Sua filiação consta de seus documentos e de suas reminiscências, nos quais figura como filha de Dona Joana e Seu José, com quem a convivência foi breve e do qual a autora desconhece o paradeiro, ou mesmo se ainda é vivo. Em razão da pouca convivência e da conseqüente fragilidade dos laços afetivos com o pai biológico, Conceição Evaristo tem no senhor Aníbal Vitorino – companheiro de sua mãe – seu verdadeiro pai, a quem devotou obediência e respeito ao longo da vida (LIMA, 2009).

Antes de aventurar-se pelo mundo das palavras como artífice e criadora, trabalhou como empregada doméstica até a conclusão do curso Normal, em 1971, quando já contava 25 anos de idade. Depois dessa primeira formação, não parou mais: graduou-se em Letras pela UFRJ, fez mestrado em literatura brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ e doutorado em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense - UFF (OLIVEIRA, 2009).

Atualmente é considerada uma das expoentes da literatura Brasileira e Afro-brasileira, tornando-se ainda uma escritora negra conhecida e respeitada internacionalmente, com diversas obras (romances, contos, poesias) traduzidas em vários idiomas ao redor do mundo. A produção literária de Conceição Evaristo é caracterizada pela denúncia das mazelas e injustiças sociais a que são submetidos os estratos mais social e economicamente vulneráveis da sociedade brasileira (LIMA, 2009).

Para ela, a produção literária afro-brasileira caracteriza-se a partir da perspectiva da mulher negra; perspectiva da qual emerge seu conceito essência da produção literária

de Conceição Evaristo: a *escrevivência*; cujo significado, de acordo com Oliveira (2009, p. 622) é “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil”. Mas é a própria autora quem melhor explica sua *escrevivência*, principalmente quando afirma que no ato da sua escrita criativa, da sua invenção ficcional não se desvencilha “de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta (EVARISTO, 2009, p. 18).

FICÇÃO E REALIDADE NO CONTO “*MARIA*” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

O conto *Maria* começa descrevendo os sofrimentos cotidianos da personagem, ressaltando as condições econômicas adversas em que vive. Maria cogita começar a acostumar-se a andar a pé devido ao aumento das passagens de ônibus, informação que situa o leitor a respeito da classe social a que pertence a protagonista do conto. Outras informações compõem a realidade social e econômica de *Maria*, na qual figura como parte do contingente dos economicamente fragilizados e desprovidos de recursos além da sua força de trabalho. O relato inicial do conto feito por Conceição Evaristo permite ao leitor dimensionar a penúria que viceja no duro cotidiano da protagonista de seu conto, em que tudo lhe falta, inclusive condições de alimentar a si e aos seus de maneira digna, aceitando os restos da mesa farta da patroa.

Esse primeiro parágrafo denuncia a realidade de inúmeras *Marias* espalhadas pelo Brasil, vítimas de uma sociedade excludente e extremamente desigual e marcadas no corpo e na alma pelo abandono e pelo sofrimento. A autora evidencia as condições de trabalho a que estão submetidas mulheres negras e pobres no Brasil, mal remuneradas, exploradas e historicamente desrespeitadas nos seus direitos fundamentais.

Sobre o trabalho doméstico no Brasil, Souza (2013, p. 67) esclarece que esta é uma das ocupações laborais mais longevas do País “com 467 anos de existência marcados pela violência institucional. Desse total, 343 anos foram de trabalho escravo; o fim da escravidão parcial (Lei Áurea) obrigou os/as negros/as a trabalhar por mais 48 anos a troco de comida ou por uns trocados [...]”. Isso é o que fica patente na leitura do primeiro parágrafo do conto *Maria*, mulher negra e pobre que se vê obrigada pelas circunstâncias a trabalhar quase que somente pela “comida” e por alguns “trocados”, já que é perceptível

que o que lhe é pago em retribuição ao seu trabalho não é suficiente para suas despesas; não tendo dinheiro nem para o remédio dos filhos.

A condição da mulher negra no mundo do trabalho e na sociedade brasileira é descrita por Santos et al (2017, p. 7),

As mulheres negras são a parcela mais pobre da sociedade brasileira. No mercado de trabalho elas possuem as condições de trabalho mais precárias, tem os menores rendimentos e as mais altas taxas de desemprego. Em grande maioria ocupam cargos inferiores, subalternos, desvalorizados, com baixos salários, devido a pouca qualificação profissional por falta de oportunidades, têm maior dificuldade de completar a escolarização, além de possuir chances ínfimas de chegar a cargos de direção e chefia que refletem a baixa qualidade de vida social.

As desigualdades que assolam as populações negras no Brasil são históricas e estruturais, haja vista que a escravidão continua a grassar no País, mudando apenas sua forma de apresentação, mas mantendo suas estruturas de dominação social e segregação racial, como demonstram as relações de trabalho entre a patroa e a empregada constantes do conto *Maria*. As raízes históricas da condição de *Maria* como empregada doméstica deve-se, em grande medida, ao processo de libertação de escravos ocorrido tardiamente no Brasil, processo este que não foi realizado sem a devida mudança no tecido social da época e sem efetivas políticas públicas de inclusão no mercado de trabalho e no cenário econômico; o que significou relegar os ex-escravos e seus descendentes às posições inferiores e mal remuneradas existentes na hierarquia socioeconômica brasileira, da qual a profissão de empregada doméstica é um dos exemplos mais emblemáticos.

Tal fato pode ser constatado na historiografia brasileira que se debruça sobre a história do trabalho no Brasil, no qual as atividades anteriormente reservadas às escravas, como cuidar das crianças da casa grande, lavar e passar roupas e cozinhar, atualmente são serviços realizados pelas empregadas domésticas. Nesse sentido, a dominação, a submissão e o embotamento da humanidade dos cativos

[...] que davam inteligibilidade à experiência do cativo, foram requalificadas num contexto posterior ao término formal da escravidão, no qual relações de trabalho, de hierarquias e de poder abrigaram identidades sociais se não idênticas, similares àquelas que determinada historiografia qualificou como exclusivas ou características das relações senhor – escravo (CUNHA; GOMES, 2007, p. 11).

A condição da mulher negra é uma constante na produção de Conceição Evaristo, como ela mesma o admite em entrevista ao jornalista Luiz Nassif em 2016, “Eu sempre tenho dito que a minha condição de mulher negra marca a minha escrita, de forma consciente inclusive. Faço opção por esses temas, por escrever dessa forma. Isso me marca como cidadã e me marca como escritora também” (EVARISTO apud NASSIF, 2016, p.1).

A produção literária da autora é testemunho de sua *escrevivência*. O conto *Maria* é parte das suas vivências como empregada doméstica, atividade que exerceu durante muitos anos. Portanto, a autora traça por meio da literatura um perfil da vida cotidiana como ela se dá na realidade concreta, na qual a sobrevivência é uma batalha de todos os dias na vida de milhares de mulheres brasileiras, com especial relevo para a mulher negra.

O terceiro parágrafo do conto apresenta ao leitor a dimensão interior da personagem, deixando a descoberto suas frustrações atinentes à relação homem/mulher, bem como sua mágoa por as coisas não poderem “ser de uma outra forma”. O motivo da separação de Maria e o homem que com ela interage no ônibus não fica claro ao leitor; mas presume-se que o término do relacionamento partiu de Maria, o que sugere o seguinte trecho “Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão.”

O excerto acima deixa também em evidência uma outra faceta da personalidade da protagonista: sua liberdade sexual. A assertiva baseia-se na informação que Conceição Evaristo dá ao leitor a respeito da vida sexual de Maria: “É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas de vez em quando, com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinas, loucas, surgiram os dois filhos menores.” A passagem evidencia o protagonismo de *Maria* no que diz respeito ao seu próprio corpo e as possibilidades de seu domínio, bem como a liberdade de escolha de seus parceiros sexuais, deixando uma fagulha de liberdade em um mar de dominação e objetivação da mulher negra (OLIVEIRA; MENEGHEL; BERNARDES, 2009).

Evidencia-se também a solidão, aplacada “apenas de vez em quando” em “deitadas repentinas, loucas”. Apesar das condições adversas que envolviam e determinavam a vida de Maria, e, por conseguinte, de seus filhos, ela ainda alimentava a esperança de que “Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente”.

O quarto parágrafo surpreende o leitor, retirando-o bruscamente de uma atmosfera de sentimentos dolorosamente vividos para inseri-lo de forma abrupta no universo da violência urbana cotidiana, tão como no cenário das médias e grandes metrópoles (COSTA, 1999). O corte é percebido, não sem certo sobressalto, na seguinte passagem: “Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E, logo após, levantou rápido sacando a arma.” Aqui, a percepção de *Maria* muda drasticamente sua perspectiva, já não pensa no passado, nos sentidos e sentimentos que ele desperta; agora ela se preocupa com a vida, não a dela, mas a de seus filhos: “O medo da vida em *Maria* ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos?”

Maria não temia pela sua vida, intimamente sabia que o homem que assaltava o ônibus, seu ex-companheiro, e seu comparsa de crime não lhe fariam mal. Mas temeu pela vida dos filhos, pelo seu destino nesse mundo diante das circunstâncias e do entorno no qual eram criados, no qual estavam irremediavelmente à mercê das inúmeras influências que os cercavam: *Maria* temia pelo futuro deles, antevendo na ação do pai o destino do filho, dos filhos.

Nesse trecho, Conceição Evaristo denuncia a negligência do Estado para com as classes vulnerabilizadas, indicando através da angústia de sua personagem as incertezas que permeiam a vida de pais e mães moradores de comunidades empobrecidas, sempre temerosos de que seus filhos se rendam aos vícios ou ao dinheiro fácil do tráfico, que se corrompam a tal ponto que nada mais possa ser feito, a não ser lamentar o lamento silencioso dos socialmente impotentes, dos desvalidos e abandonados à própria sorte (BIRMAN, 2008; FARIAS, 2008).

No quinto parágrafo inicia-se o suplício de *Maria*, surpreendida pelas acusações que lhe são lançadas pelos outros passageiros do ônibus, acusações que relacionam quase que automaticamente sua cor à vida bandida e ao episódio que acabaram de testemunhar: “*Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois*”, “*Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!*”, “*Olha só, a negra ainda é atrevida [...]*”. Nem as vozes mais sensatas foram ouvidas: “*Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também*”, “*Mentira, eu não fui e não sei por quê.*”, disse um dos defensores; e outro acrescentou, na esperança de apaziguar os ânimos “— *Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...*” Mas de nada adiantou e *Maria* sangrava pela boca. “Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado.”

Ainda no quinto parágrafo, um trecho chama atenção do leitor “*Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher*”. Essa fala de um dos antagonistas é bastante representativa da condição da mulher negra na sociedade brasileira, mais precisamente da negação do seu *lugar de fala*. *Maria* é silenciada a tapas porque no imaginário social o negro não tem direito de falar, posto que desumanizado e objetificado; a condição se agrava se o aspirante ao direito de fala é uma mulher negra. A personagem *Maria*, mulher negra e pobre, é violentamente silenciada; como são na vida real outras mulheres negras que ousam ser “atrevidas”, como o foram Elitânia de Souza (UFBR, 2019), Marielle Franco (UOL, 2020) e Luana Barbosa (BRASIL DE FATO, 2019)

A cena construída por Conceição Evaristo no interior do ônibus demonstra o preconceito racial que permeia o imaginário social da sociedade brasileira sobre o negro, visto como perigoso, bandido, desonesto e ladrão. Preconceito este que alimenta a violência contra as comunidades negras e seus moradores, fomenta o descaso e essencializa o negro como moralmente inferior (MUNANGA, 1999). Não obstante, é emblemática também o estereótipo da mulher negra na fala dos antagonistas, notadamente sexualizada no uso de palavras como *safada* e *puta*, expressões que representam a mulher negra como libertina, hipersexualizada e, nas palavras de Bueno (2016), “superdotada de sexo”.

Essa representação da mulher negra na contemporaneidade como objeto sexual é um resquício, uma herança nefasta da sociedade patriarcal brasileira, patriarcado cuja definição é “um sistema social no qual a diferença sexual serve como base da opressão e da subordinação da mulher pelo homem” (PISCITELLI, 2009 p. 131). É nesse contexto que Conceição Evaristo constrói sua personagem, no qual soma-se à herança patriarcal a condição de mulher, negra e pobre de *Maria*.

Chama atenção ainda a força dos estereótipos, visto que o preconceito racial perpassa pelas diversas classes sociais no Brasil. As pessoas no coletivo são da mesma classe social, pobres, trabalhadoras e oprimidas por um sistema econômico extremamente desigual e cruel. Mas mesmo assim, reproduzem a cantilena racista na qual os negros são vistos como inferiores em todos os sentidos e, por isso, passíveis das violências mais abjetas e descabidas, como mostra a autora no trecho “Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!*... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à *Maria*.”

Diuturnamente, os meios de comunicação (jornais impressos, on-line, telejornais) apresentam episódios de violência urbana, evidenciando com dados estatísticos o

Volume 22
Número 52

aumento vertiginoso das muitas formas de violência praticada nos centros do Brasil, principalmente aqueles com maior densidade demográfica e com menores índices de desenvolvimento socioeconômico. Essas violências são responsáveis pela morte de muitas pessoas, mortes cujas circunstâncias nem sempre são esclarecidas e que, na grande maioria, tem como causa o preconceito racial (BORIN, 2006). É esse o cenário descrito por Conceição Evaristo, cenário que fez parte das suas experiências de vida.

Mas o desfecho do conto leva o leitor a contextualizar as ações dramáticas e exacerbadas dos passageiros do ônibus, associando-as aos fatos que antecedem o assalto, desde a entrada de *Maria* no coletivo. O leitor é levado a considerar o ponto de vista dos passageiros, visto que estes testemunham a ligação – ainda que discreta – da mulher que acabara de entrar no ônibus com os bandidos que lá já estavam. Um dos homens paga a passagem de *Maria*, mas o fato não parece ter sido percebido por ninguém além do trocador, que não se manifesta na trama, omitindo um fato que poderia agravar – se isso seria possível – a situação da protagonista. No entanto, o que a condenou aos olhos da turba foi o fato de o homem ter se sentado ao seu lado e de ela não ter sido assaltada.

Contudo, o que se destaca no conto é que tanto *Maria* quanto o homem que assalta o coletivo são negros, o que leva os passageiros a associarem os dois na empreitada do assalto ao ônibus. O leitor se indaga: e se a mulher fosse branca? Teria sido também ligada ao crime? Provavelmente não. Isso porque impera no imaginário social a figura do negro como bandido e ladrão, acreditando-se que a maioria dos crimes de roubos e assaltos são cometidos por pessoas dessas etnias, o que não é verdade de acordo com a pesquisa de mestrado do cientista político Ivan Borin, defendida em 2006 na USP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto *Maria* de Conceição Evaristo é um testemunho da realidade brasileira como ela é, sem retoques. O cenário imagético criado pela autora é a descrição dos espaços físicos pelos quais circulam as classes subalternizadas, mal remuneradas e colocadas à margem das possibilidades efetivas de consumo de bens básicos e que, por isso, indispensáveis. As sobras da festa da patroa, condenadas ao lixo, fariam parte da refeição de *Maria* e seus filhos e representam, bem como a gorjeta de mil cruzeiros, os poucos ganhos auferidos no trabalho doméstico realizado; considerado como desqualificado e que, por isso, barato.

O atraso do ônibus esperado pela protagonista do conto é uma constante nas grandes cidades, nas quais o desrespeito ao consumidor desses serviços é gritante e vergonhoso. Atrasos, ônibus em péssimas condições, superlotação, preços abusivos, os constantes assaltos... Tudo isso pertence à cotidianidade das classes economicamente fragilizadas. O preconceito racial que perpassa pelo conto é uma representação literária da realidade brasileira, na qual a mulher negra é duplamente marcada: pela cor e pelo gênero.

O universo ficcional de Conceição Evaristo é repleto de realidade social, aprendida e apreendida na vivência da vida diária, é um relato autoral de quem testemunhou e viveu situações nas quais o preconceito racial, a pobreza e a condição de mulher negra moldaram a escritora, a cidadã e a militante. No conto *Maria*, a autora – por meio da ficção – dissecou os estereótipos racistas e sexistas presentes no imaginário social da sociedade brasileira, misturando com arte ficção e realidade.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Ana Luiza; BARBON, Júlia; NOGUEIRA, Ítalo. Paulo. *Veja tudo o que se sabe sobre o assassinato de Marielle, dois anos depois*. UOL/Folha de São. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/veja-tudo-o-que-se-sabe-sobre-a-morte-de-marielle-dois-anos-depois.shtml> Acesso em: 25 ago. 2020.
- BIRMAN, Patrícia. Favela é comunidade? In: Machado da Silva, L.A. (org.) *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, FAPERJ/Nova Fronteira, 2008, p. 99-114.
- BORIN, Ivan. *Análise dos processos penais de furto e roubo na comarca de São Paulo*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2006.
- BRASIL DE FATO. *Mãe, negra e lésbica: assassinato de Luana Barbosa permanece impune após três anos*. REDAÇÃO. Brasil de Fato. São Paulo (SP) | 13 de Abril de 2019 às 13:49. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/13/mae-negra-e-periferica-assassinato-de-luana-barbosa-permanece-impune-apos-tres-anos/> Acesso em: 27 ago. 2020.
- BUENO, Fernanda. *A mulher negra na telenovela: hipersexualização, invisibilidade ou subalternidade?* Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/43446/fernanda_revisado_tcc.pdf?sequence=1 Acesos em: 25 jul. 2020.
- CUNHA, Olívia Maria Gomes da Cunha; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs). *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. FGV, São Paulo: 2007.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365> Acesso em: 24 ago. 2020.
- FARIAS, Juliana. Quando a exceção vira regra: os favelados como população matável e sua luta por sobrevivência. *Teoria & Sociedade*, v. 15, n. 2, p.138-171, 2008.
- LIMA, Omar da Silva. O comprometimento etnográfico afrodescendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães. 2009. 172 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- NASSIF, Luís. *A vida e a obra de Conceição Evaristo*. Cultura. GGN - O Jornal de todos os Brasis. 11-07-2016. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/literatura/a-vida-e-a-obra-de-conceicao-evaristo/> Acesso em: 25 ago. 2020.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrevivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 344, maio-agosto/2009, p. 621-623. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200019. Acesso em: 25 ago. 2020.
- OLIVEIRA, Maria Luísa Pereira; MENEGHEL, Stela Nazareth; BERNARDES, Jefferson de Souza. Modos de subjetivação de mulheres negras: efeitos da discriminação racial. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n.2, p. 266-274, 2009.
- PISCITELLI, Adriana. “Gênero: a história de um conceito”. In: BUARQUE DE ALMEIDA, H.; SZWAKO, J. (org.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 116-148.
- SANTOS, Maria Santana dos; QUEIROZ, Josiane Mendes de; LUZ, Rafaela Araújo da; OLIVEIRA, Samara Barroso. *DESIGUALDADES DE GÊNERO: a mulher negra no mercado de trabalho*. VIII Jornada Internacional Políticas Públicas. 2017. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/desigualdadesdegeneroamulhernegranomercadodetrabalho.pdf>. Acesso em 22 de ago. 2020.
- SOUZA, Claudenir de. *Mulheres negras contam sua história*. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA/UFRB. *Feminicídio: o assassinato de Elitânia de Souza e o extermínio das mulheres negras*. Nota. 02/12/19 20:55 | 03/12/19 11:45. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/portal/noticias/5680-feminicidio-o-assassinato-de-elitania-de-souza-e-o-extermínio-das-mulheres-negras> Acesso em: 23 ago. 2020.

Data de recebimento: 05/10/2020
 Data de aprovação: 06/12/2021